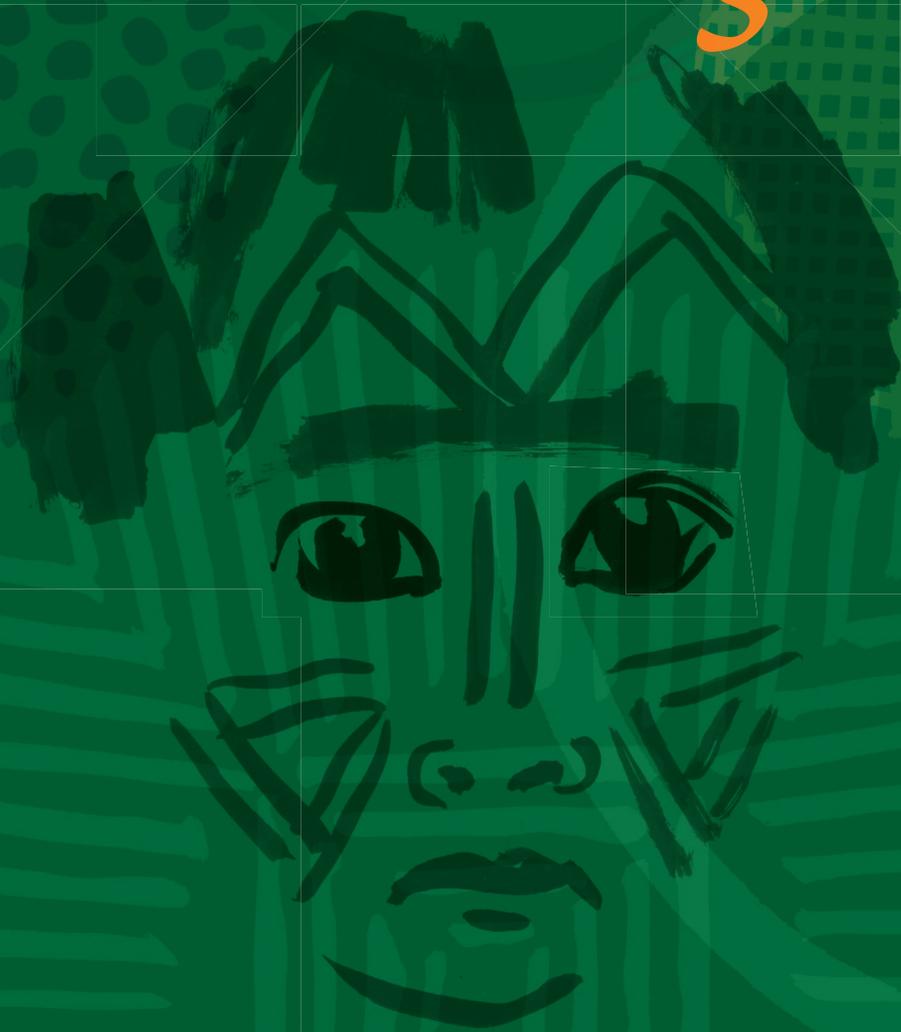


A criação do mundo

E OUTRAS BELAS HISTÓRIAS INDÍGENAS

A criação do





mun

E OUTRAS BELAS HISTÓRIAS INDÍGENAS

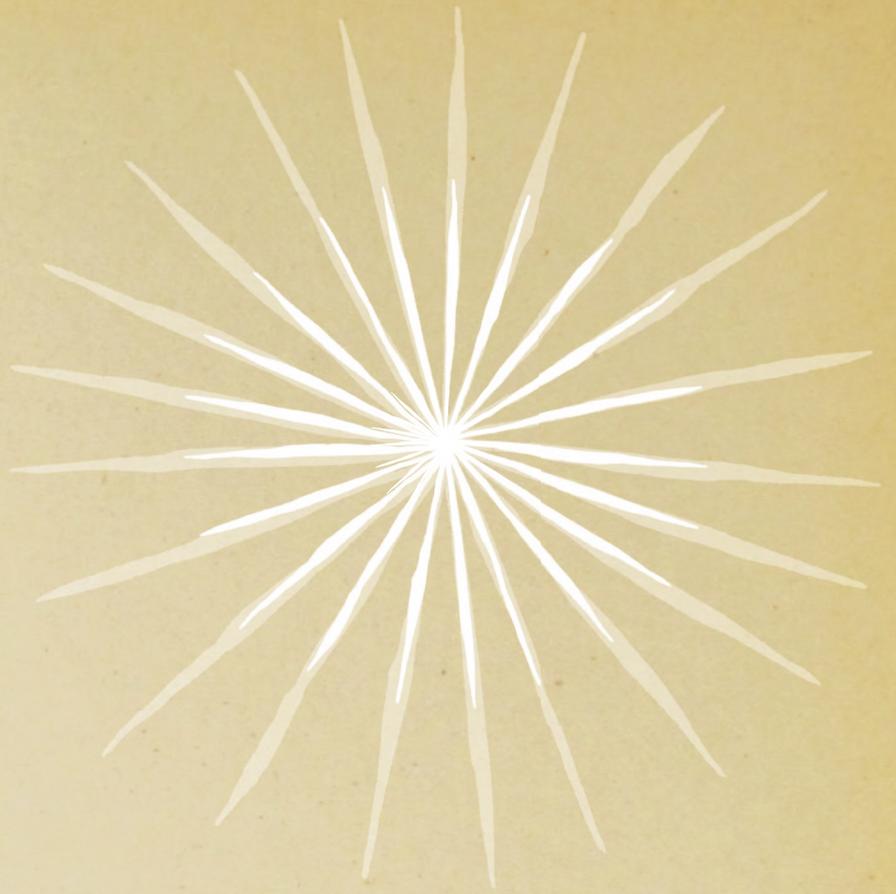


**Emerson Guarani e
Benedito Prezia (orgs.)**
Prefácio de
Betty Mindlin





**Em memória de
Marçal Tupã'i, guarani,
Lourenço Rondon, bororo, e
Maninha Xukuru-Kariri,
pronunciadores de
belas e fortes palavras
indígenas, que não podem
ser esquecidas.**



“Hoje estamos começando a sonhar
do fundo dos 500 anos que passamos
mergulhados no túnel do tempo.
Durante o longo caminho desse túnel,
foram exterminadas muitas culturas...
Só agora é que estamos com direito de ter
comunicação, através da escrita na nossa
própria língua, e recuperar nossas tradições.
Mas esse túnel do tempo mostra
que somos capazes de realizar sonhos que
sempre tivemos como povos diferentes e
valorizados dentro de nós mesmos.”



ÍNDICE

Dedicatória	4
Epígrafe	5
Prefácio	9
Apresentação	11
Ainda uma palavra	12



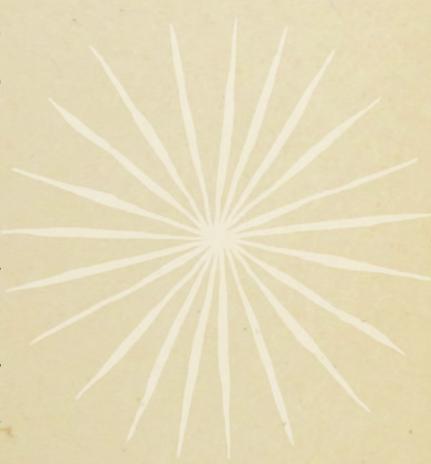
A mãe natureza

Carta da terra	15
A todos os povos da terra	18



Nossas crenças

As origens	21
A criação do mundo	23
O dilúvio universal	25
Maíra-Poxy	27
<i>Aijimarihi</i> , o criador	29
A origem do sol	30
O dono da caça	31
O demônio e a aguardente	32
A origem da mandioca	34
A origem do milho	35
O caminho da terra sem males	36
A origem do fogo	37
O urutau	38
História das jovens que viraram peixe	39
A Mãe-d'Água	41
Saci, o mau espírito	43





Nossas preces

Oração ao criador	45
Oração para pedir uma boa colheita	46
Oração ao sol	47
Discurso de gratidão	48
Bênção da moradia	50
Oração para pedir paz e sabedoria	50
A esperança não pode morrer	51
Pai bom	52
Agradecimento indígena	53

Nossos poemas

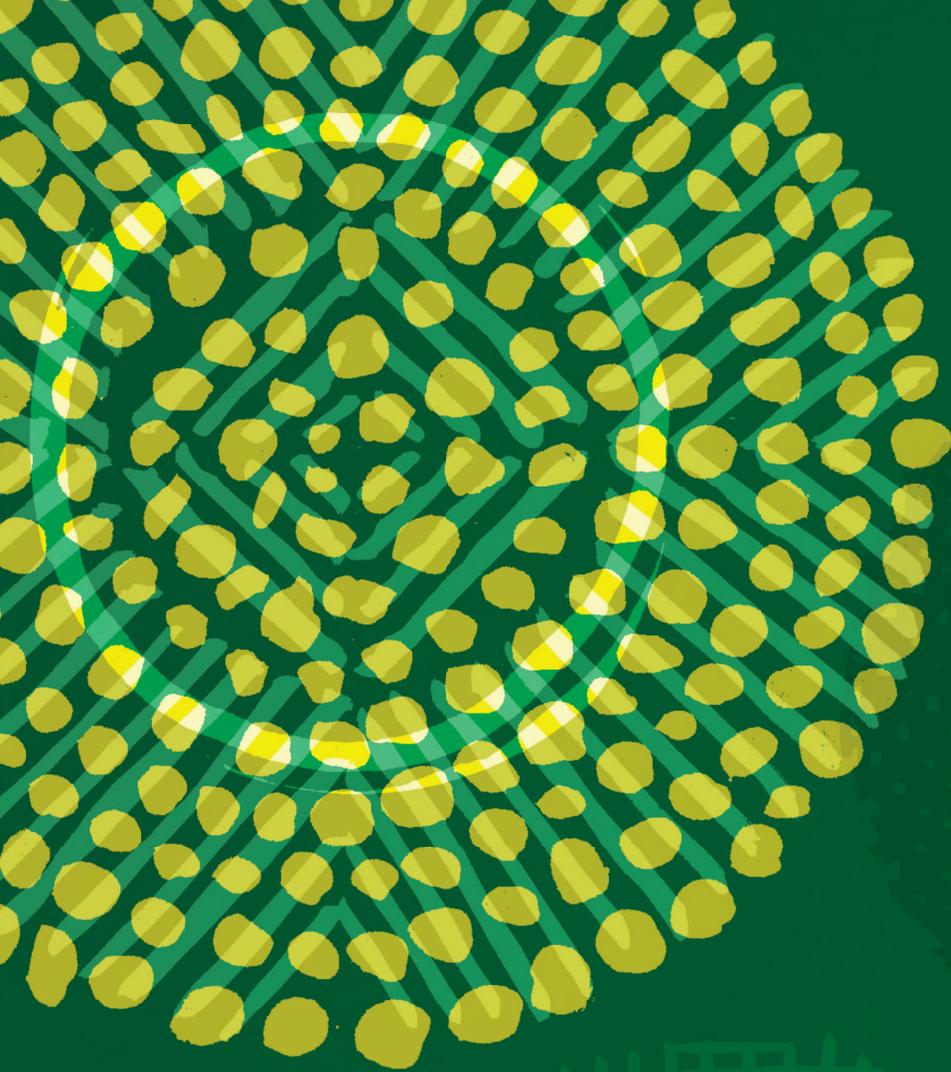


Cantiga de amor	55
À irmã do senhor da chuva	56
Anhã	57
Canto fúnebre <i>kaingang</i>	58
Orai por nós, Marçal Tupã'i	58

Nossa sabedoria

Sabedoria tupinambá	61
Sabedoria quéchua	62
Conselho aos jovens	62
Para Deus somos todos iguais	63
Somos pessoas sagradas	64
Mulheres, coração e alma de nossas nações	65
Código de conduta	66
Temos alegria em repartir	67
Queremos construir outros 500	69
Bibliografia	70
Créditos	71
Sobre os organizadores	72
Sobre o ilustrador	72





É tal a diversidade de povos e tradições indígenas com ampla documentação ao longo dos séculos e registros atuais que felizmente vão se avolumando, que não é fácil escolher um repertório pequeno e denso, capaz de entreabrir aos leitores nesgas do universo fascinante que representam. As fontes, embora numerosas, não são muito conhecidas; as falas de hoje, a memória oral ainda são pouco escritas, filmadas ou gravadas.

Os dois organizadores, assim, foram capazes de uma façanha original e deliciosa, com essas belas palavras desenhadas no papel. São dotados para tal. Emerson é um guarani, pesquisador universitário, pertence a um povo cujas marcas são a espiritualidade e a resistência diante de doloroso processo histórico. Benedito Prezia é estudioso, escritor, defensor dos índios, autor de muitos livros. Sabem que a humanidade é uma só, os seres humanos são iguais, mas as visões de mundo podem ser muito diferentes.

A visão dos índios que nos querem transmitir mostra um amor ao cosmos, à natureza, ao ambiente, ao futuro, a qual contrasta com a concepção de mundo dos tempos mercantis, do capitalismo, da tecnologia e da indústria. São valores, significados, anseios outros, assim como as relações sociais são outras.

É pela expressão artística que os autores querem nos fazer boquiabertos diante dos índios. Como ambos acentuam em suas explicações iniciais, procuraram incluir no livro não apenas mitos, sempre surpreendentes, indagadores da nossa origem, mas depoimentos de luta, reflexões sobre o cerne da existência e seu significado, poemas, preces, exemplos de um conhecimento ancestral bem distinto do corrente.

Recuperaram joias, como os textos de André Thevet do século XVI, capuchinho francês maravilhado com as explicações de mundo dos tupinambás. Suas crônicas parecem continuar em textos dos tupis atuais, como o povo tupiniquim.

Escolheram bons exemplos que, em vez de lucro e cobiça, espanto e questionamento sobre os caminhos e finalidade da existência, podem ser o cerne de uma sociedade. São eloquentes os pronunciamentos: de Davi Yanomami, pajé e um dos mais expressivos líderes

líderes indígenas do Brasil; de Nailton Muniz, pataxó *hã-hã-hãe*, no ano 2000; e os parágrafos, bastante difundidos, de Jean de Léry sobre os tupinambás, no século XVI. Mas incluem-se também os de autores indígenas de outros países, como a célebre *Carta da terra* do Cacique Seattle, mitos ou preces de índios mapuches da Argentina, dos índios dos Estados Unidos e do Canadá, como *sioux*, *cheroquis*, *shawnee*, *mohawk*, ou das Américas do Sul e Central, como *quéchuas*, *incas* e *maias*. É uma mistura bem-vinda de estilos, épocas e temas, como o fantasmagórico, o além, as metamorfoses de gente em plantas cultivadas, animais, astros, fogo, caça ou floresta.

Os guaranis e outros povos tupis têm uma forte presença neste livro, o que não é de espantar, pois, afinal, essa é a vertente dos dois organizadores – embora não a única. Contamos com guarani *nhandeva*, *tupiniquim* e *tupinambá*. E com muitos outros exemplos brasileiros, como a origem da mandioca pareci, do milho *kaingang*, do sol aruá, do criador *suruahá*, da caça ofaié, ou as exortações de duas mulheres, Eliana e Maninha, potiguara e xukuru-kariri, respectivamente.

No leque guarani ou tupi, e em outras línguas, é uma alegria verificar que há tantos relatos atuais, colhidos em reuniões ou no decorrer de trabalhos de colaboração com os índios. São inéditos, nova arte promissora.

Há um relato que merece destaque: o de Emerson Guarani, organizador deste livro, recitando-nos os ensinamentos de sua mãe, Kunhã Nimuendu, e de seu tio, da aldeia Araribá, em São Paulo. Uma vereda que muitos índios poderiam trilhar, contando a todos o que ouvem desde a infância.

Que este livro sirva de estímulo a muitos outros, descortinando o que temos de mais antigo e mais contemporâneo.

BETTY MINDLIN¹

SÃO PAULO, 26 DE OUTUBRO DE 2010

1 Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autora de *Diários da floresta* (Terceiro Nome, 2006), entre outros livros.

APRESENTAÇÃO

Quando tivemos a ideia de fazer esta coletânea, não nos veio em mente elaborar um livro acadêmico, nem uma coletânea de mitos. Quisemos recuperar algumas histórias sagradas, mitos, mas, sobretudo, reflexões da sabedoria indígena e a poética, que se revelam nas preces, nas elegias e nos próprios relatos míticos.

Recentemente descobriu-se a riqueza da poética indígena, até então relegada a publicações eruditas que ficavam nas prateleiras das universidades, ou esquecida em obras de pouco alcance editorial, ou simplesmente desconhecida. A publicação de muitos desses textos mostra que, apesar de tudo, já houve interesse por esse tipo de literatura.

De minha parte, como membro da comunidade guarani nhandeva e formado em Ciências Sociais, pelo Programa Pindorama da PUC-SP, considerei importante a divulgação de textos já publicados e também de outros que se conservavam na memória dos antigos de minha aldeia, como alguns relatos mitológicos e cantos tradicionais.

Com Benedito Prezia, militante da causa indígena há mais de 25 anos, descobri toda a beleza e sabedoria que esses povos apresentam em suas falas e em seus escritos, não só no Brasil, mas em todos os países da América. Por isso, decidimos fazer esta coletânea, envolvendo não apenas textos recentes, mas também falas que remontam à época da conquista do continente e ficaram esquecidas ou excluídas da nossa história e da nossa literatura.

Priorizamos, portanto, para a presente publicação, um material que tivesse um lado mais poético, religioso e da sabedoria tradicional, para que pudesse ser inspirador de várias áreas do conhecimento, principalmente das Ciências Humanas, deixando para um próximo livro textos de cunho mais político, sobre a luta e a resistência indígena, que incluiriam também as figuras de nossos líderes.

Havíamos selecionado vários textos que não puderam ser publicados por impedimento de autorização de seus autores ou editores, mas, apesar disso, esperamos que esta obra consiga atender ao objetivo inicial, trazendo um pouco mais de alento para este mundo tão marcado pela tecnologia e pelo individualismo, e nossa geração possa refletir sobre sua real responsabilidade frente à destruição do planeta.

Queremos ajudar a construir outro Brasil, onde os indígenas tenham lugar e possa haver um efetivo diálogo entre as várias culturas e formas de conhecimento.

AINDA UMA PALAVRA

Durante muito tempo, os indígenas da América foram vistos como selvagens, preguiçosos, atrasados. Sua religião era feitiçaria, e suas histórias, sagradas, lendas.

A partir do final do século XIX, houve um despertar para essas culturas, vistas ainda com o olhar europeu, que buscava entendê-las. Suas tradições foram classificadas como “pensamento selvagem”, que pouca coisa tinha a acrescentar à cultura ocidental, atraindo o pesquisador mais pelo exotismo do que por seu valor intrínseco. Seus rituais e crenças continuavam sendo exorcizados pela maior parte dos missionários e das igrejas.

Somente na metade na década de 1930, no século passado, os pesquisadores e antropólogos começaram a fazer uma nova trajetória, descobrindo esse outro mundo, com suas riquezas e desafios. Convém destacar o grande Lévi-Strauss, recentemente falecido, cujo livro, com o questionador título *O pensamento selvagem*, fez com que o Ocidente passasse a ter outro olhar frente a essas culturas.

Hoje já se fala da dimensão poética desses escritos, que muitas vezes ficava escondida pelas análises antropológicas ou era simplesmente negada. É o que lamentava recentemente Pedro de Niemeyer Cesarino, ao afirmar que foi construída “uma muralha diante das sociedades indígenas, cujos conhecimentos estéticos são ignorados pela cultura letrada”².

Essa poética milenar sempre existiu nas populações ameríndias, como se pode ver nos textos maias, astecas e incas, as obras clássicas de *Popol Vuh*, o livro sagrado maia, recentemente publicado no Brasil (Iluminuras, 2007). Não se podem esquecer outras obras, como a coletânea de textos dos guaranis *mbyá* do Paraguai, recolhida e comentada por Pierre Clastres, com o título *A fala sagrada* (Papyrus, 1990), e o mais recente trabalho sobre mitos tupis, analisados sob uma ótica literária por Alberto Mussa, *Meu destino é ser onça* (Record, 2009).

A proposta de nossa publicação é colocar em evidência este viés de sabedoria e de beleza literária, para que se conheça tal acervo e se devolva aos povos indígenas seu patrimônio.

Escolhemos textos não apenas de indígenas do Brasil, como também de outros países da América, com mitos e depoimentos, que fazem parte desse tesouro cultural de nosso continente.

Esse lirismo encontra-se nos mais diversos povos, como entre os inuítes da região ártica, tal se vê neste pequeno poema do xamã Uvarnuk:

*Ó grande mar
leva-me à deriva,
arrasta-me
como a erva num grande rio.
A terra e o tempo
me levam,
carregam-me além
e movem as minhas entranhas com alegria.*³

Temos também nossos poetas indígenas, como o bororo Cibae Ewororo, cujo nome português é Lourenço Rondon, falecido em 2002. Ao apresentar os depoimentos indígenas das primeiras Assembleias dos Chefes Indígenas (1974-1975), escreveu:

*O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma de meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.*⁴

Embora tenhamos criado uma seção específica para os poemas, não deixamos de considerar a qualidade poética dos demais textos, pois todos, à sua maneira, têm um valor literário.

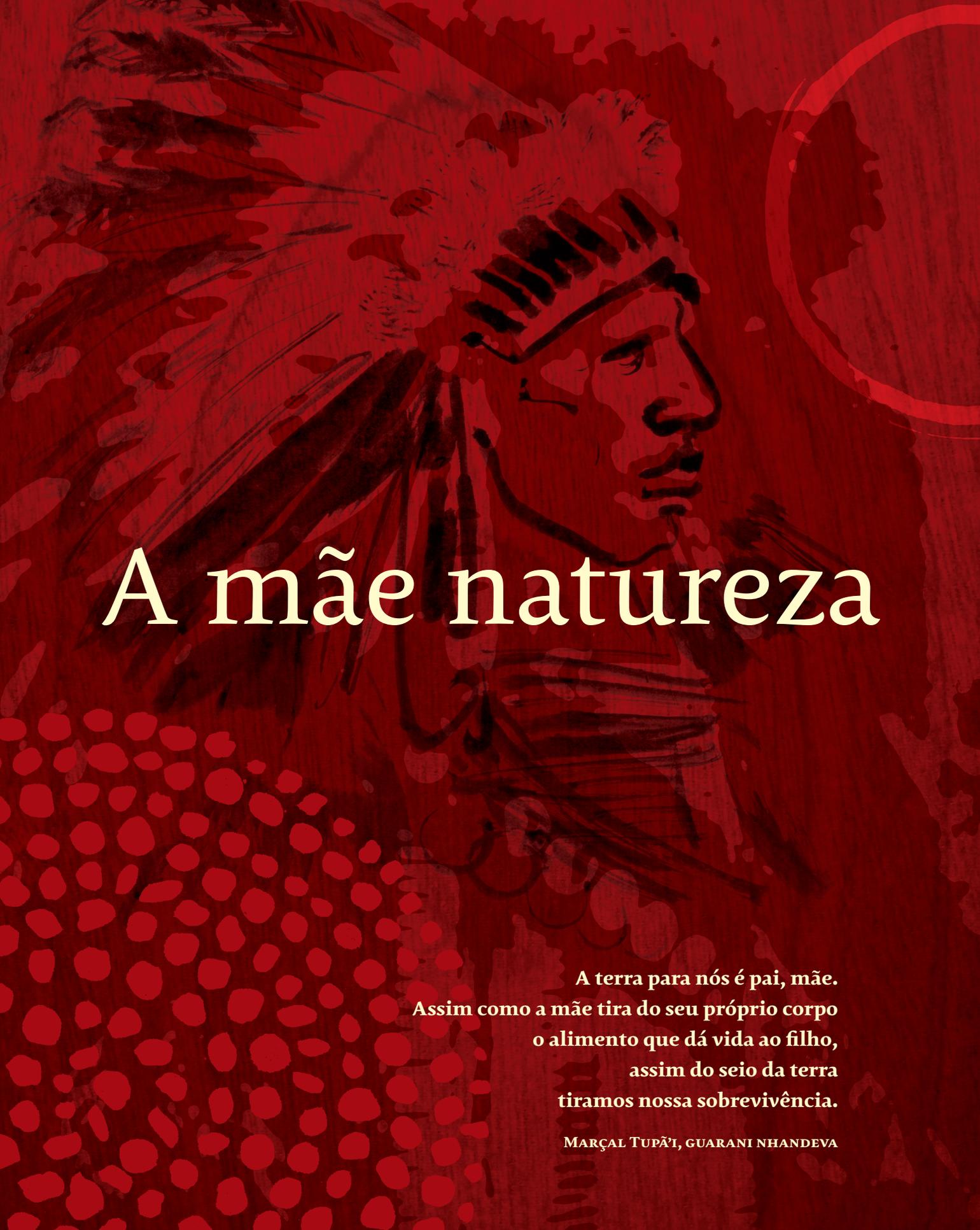
Infelizmente muitos relatos não puderam ser aqui inseridos, devido às limitações dos direitos autorais, que impediram a divulgação de textos de indígenas não só da América Latina, como também da América do Norte.

Entretanto, esperamos que o leitor brasileiro possa conhecer algumas joias de nossa literatura ameríndia.

BENEDITO PREZIA

3 In: MCLUHAN, T. C. *Pés nus sobre a terra sagrada*. Porto Alegre: L&PM, 1996, p. 26.

4 In: *Revista de Cultura Vozes*. A voz dos que não tinham voz. Petrópolis: Vozes, (70), v. 3, 1976, p. 195.



A mãe natureza

A terra para nós é pai, mãe.
Assim como a mãe tira do seu próprio corpo
o alimento que dá vida ao filho,
assim do seio da terra
tiramos nossa sobrevivência.

MARÇAL TUPÃ'I, GUARANI NHANDÉVA

Carta da terra

Em 1855, respondendo ao presidente Franklin Pierce, que exigia a venda da terra de seu povo, o cacique Seattle, do povo squamish, do noroeste dos Estados Unidos, fez este pronunciamento, que se tornou uma carta de princípios de preservação da natureza.

COMO É QUE SE PODE COMPRAR OU VENDER O CÉU, O CALOR DA TERRA?

Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra, e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande água são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro e o homem, todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai, e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas é o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada; devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A